

Capítulo 1

Modelos de Ensino Religioso

A escola católica está a serviço da missão da Igreja: evangelizar, ou, em, outros termos, transmitir o depósito da fé (1Tm 6,20; 2 Tm 1,14; 2,2) para as diversas culturas. No caso da escola católica, essa evangelização está inspirada nas orientações da *Gravissimum Educationis*, do Vaticano II, e tal processo se dá em três níveis²⁸: primeiro, a personalização; segundo, o diálogo da fé com a cultura; terceiro, a experiência de iniciação cristã.

O Ensino Religioso se inscreve no segundo nível. Porém, sua compreensão não se restringe a um único modelo. Na medida em que surgiram novos desafios postos pelo contexto, propostas diferentes se postularam no âmbito escolar.

O objetivo deste capítulo é apresentar uma análise fenomenológica dos principais modelos vigentes no atual contexto da escola oficial e particular brasileira. Para seu desenvolvimento, escolhemos cinco critérios que pudessem dar uma visão do que seja cada um deles: contexto, natureza, propósito, abordagem e conteúdo.

Para a elaboração do primeiro modelo (catequético) baseou-se em quatro artigos de Pierre Faure, em função da influência que este educador exerce em dezenas de colégios católicos brasileiros.²⁹ Ao mesmo tempo nos valem de alguns elementos de uma obra de Thomas Groome, teólogo e pedagogo

²⁸ Cf. CADERNO DA AEC, *A pastoral da escola católica*, n. 67.

²⁹ Pierre Faure nasceu em 1904 e morreu em 1988. Atuou 60 anos no campo educativo, na França. Publicou dez livros e mais de uma centena de artigos nas revistas *Pédagogie e Recherche et Animation Pédagogiques*. Lecionou 43 anos no departamento de pedagogia do Institut Catholique de Paris. Orientou dezenas de sessões pedagógicas para capacitação de professores, em cerca de 15 países. Embora não muito conhecido no Brasil, influenciou os rumos da educação católica a partir de 1956, quando uma classe no Colégio Sion, em São Paulo, iniciou o projeto de educação personalizada. Nos inícios dos anos 60, o Colégio Teresiano fez o mesmo. Faure visitou o Brasil pela primeira vez em 1951, para participar do Congresso Inter-Americano de Educação Católica. Após uma primeira implantação de sua proposta personalizadora, entre 1956 e 1992, nos colégios da região centro-sul, uma nova fase de implantação iniciou-se a partir de 1993, em 24 colégios católicos das regiões centro e sudeste (Cf. PEREIRA, M. N., *Educação Personalizada: um projeto pedagógico em Pierre Faure*, Bauru, Edusc, 1997).

americano,³⁰ apresentado ao Brasil pelo célebre educador Paulo Freire. Acreditamos que, mesmo sendo autores de outras latitudes, ajudam a dar inteligibilidade sobre a prática educativa vigente entre nós.

Para o segundo modelo (inter-religioso), tomou-se por base a experiência desenvolvida nas escolas estaduais de Minas Gerais.

Para o terceiro modelo (fenomenológico), pesquisou-se artigos, subsídios de estudo, artigos de educadores e pesquisadores envolvidos há vários anos com esta proposta de ensino.

O que, de certo modo, unifica todos os modelos é o fato de serem pensados desde dentro da instituição eclesial escolar para colégios católicos e escolas da rede oficial. Portanto, trata-se de um esforço de responder aos desafios do processo de transmissão da fé no contexto moderno.

1.1

Modelo Catequético

1.1.1

Histórico

Desde as origens do Brasil, praticamente, prevaleceu o modelo confessional de Ensino Religioso nas escolas da rede oficial e/ou nas escolas religiosas. Somente com o início da república é que tal princípio começa a ser colocado em xeque. O que é questionado não é necessariamente o modelo em si, mas a quem competia oferecê-lo e arcar com os custos. Contudo, somente na década de 70 do século XX, se vislumbra um novo modo de pensar a disciplina Ensino Religioso para o contexto pluralista.

Do século XVI à primeira metade do século XVIII, a Igreja Católica figurou como a única entidade a ocupar o espaço garantido ou cedido ao ensino religioso, com raras exceções relativas à presença dos evangélicos em escolas do

³⁰ GROOME, T. H., op., cit.

sul do país.³¹ Desde o início do processo de colonização, o ensino religioso se coloca como um elemento cultural do processo civilizatório brasileiro.

Na cristandade colonial (1549 – 1822), o ensino religioso “é mantido em função dos acordos estabelecidos entre o Sumo-Pontífice e o Monarca de Portugal, visando conquistar e evangelizar os gentios”.³² A Igreja, através dos religiosos, tem como principal função expandir a fé e, ao mesmo tempo, colaborar com a expansão da Coroa.

No período da monarquia constitucional (1823-1889), o ensino religioso é submetido ao protecionismo do Estado, em decorrência da interpretação regalista do padroado, como poder amparado pelo artigo 103 da Constituição do Império, de 1824.³³

Na Primeira República (1889-1930), o ensino religioso passou por um intenso debate sobre sua manutenção ou não na escola pública. O problema refere-se à interpretação do princípio da liberdade religiosa.³⁴ A Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, promulgada em 1891, assegura que *será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos públicos*.³⁵ A Igreja se insurgirá, em nome da liberdade religiosa, contra este princípio.

Na Segunda República, após intensos debates, a Constituição de 1934, no seu artigo 153, confirma o decreto 19.941 de 1931, de que o ensino religioso será de matrícula facultativa, e será ministrado segundo os princípios da confissão religiosa do aluno; e será matéria obrigatória das escolas.

A história posterior do ensino religioso será marcada pela decisão desta constituição. Será facultativo para o aluno, mas obrigatória sua oferta. Ora sem ônus, ora com ônus para os cofres públicos. As constituições de 1937, 1946, 1967 e 1988 acentuarão os mesmos princípios.³⁶

Também nas Leis Orgânicas e nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o ensino religioso consta em horários normais da educação fundamental

³¹ FIGUEIREDO, A. P., *Ensino Religioso no Brasil, uma questão de identidade: entre a hermenêutica francesa e hermenêutica americana*, p. 8.

³² Ibid., *O ensino religioso no Brasil: de 1500 a 1998*, p. 3.

³³ O imperador antes de ser aclamado prestará nas mãos do Presidente do Senado, reunidas as duas câmaras, o seguinte juramento: Juro manter a Religião Católica Apostólica Romana, a integridade, e a indivisibilidade do Império (CAMPANHOLE, A.; LOBO, H., *Constituições do Brasil*).

³⁴ FIGUEIREDO, A., art.cit., p.13.

³⁵ Id., *Legislação do ensino religioso no Brasil, no contexto histórico de diferentes épocas*, p. 2

³⁶ Cf. LOPES, M. R., *Constituição Federal*, p. 104.

e/ou média; é de matrícula facultativa; os programas e professores são apresentados pelas instituições religiosas.

A Nova LDB de 1996, no seu artigo 46, avança para além do ensino religioso confessional na vertente católica. Ele é mantido, de acordo com a opção religiosa do aluno, ou pode ser pensado em carácter inter-confessional, resultante do acordo entre diversas entidades religiosas.

1.1.2

Natureza do ensino religioso

O ensino religioso sempre foi entendido como o ensino da religião católica ou, mais tarde, do cristianismo, em alguns estados do sul. Ao mesmo tempo, se afirma como algo que faz parte do sistema escolar.³⁷ Por isso, busca sua legitimidade no campo pedagógico. Ou seja, o ensino religioso se inscreve no campo educativo, religioso e cristão. É educação, é religiosa, é cristã.

a) Educação

A etimologia da palavra (*e+ducare* = educação) indica a atividade básica de “conduzir para fora”, “tirar para fora”, “trazer à luz aquilo que já existe, de certa maneira, dentro da criança; é descobrir, desvelar, revelar as riquezas que o Criador já escondeu no coração de todo ser humano”.³⁸

Para Groome, na atividade de “conduzir para fora” podem ser identificadas três dimensões significativas: conduzir para fora a partir de um dado ponto; de um processo presente; em direção a um futuro.³⁹ Ou seja, no processo educativo apresenta-se a dimensão do “já”, a dimensão do “processo presente que está sendo concebido” e a dimensão do “ainda não”. A primeira, refere-se tanto “ao que o aprendiz já sabe como ao que o educador sabe e, ainda, ao que o aprendiz tem capacidade interior de aprender”.⁴⁰ A segunda enfatiza “aquilo que está sendo descoberto pelo aluno na medida em que lhe chega de além das limitações presentes”.⁴¹ A terceira remete ao ponto para o qual se efetua o conduzir para fora, isto é, um horizonte além dos limites presentes do aluno.

³⁷ “Se o ensino religioso quiser encontrar sentido, deve ser pensado desde as finalidades e características próprias da escola. (Cf. CNBB. *Educação religiosa nas escolas*, p. 233)

³⁸ LIBANIO, J. B., *A arte de formar-se*, p. 12.

³⁹ GROOME, T., op.cit., p. 21.

⁴⁰ Ibid., p. 22.

⁴¹ Ibid.,

Este tríplice processo se aplica a qualquer disciplina do sistema escolar. No caso do ensino religioso, a referência à tradição será exemplar e ocupará lugar de destaque no processo educativo.

Para Pierre Faure, o ponto de partida do ensino religioso é o aluno tal como se encontra no presente. A formação religiosa parte do presente. Ela supõe um processo de preparação prévia, realizado através da atitude ‘acolhida’⁴² pelo professor e pelo grupo; da criação de um clima favorável na classe; da lição de silêncio.⁴³ O objetivo é que o aluno se descubra como espírito que ordena o próprio corpo.

Terminada a preparação, o aluno é conduzido à tradição, isto é, colocado em contato com a revelação mosaica e depois com a revelação cristã, a fim de descobrir que Deus é Espírito. O contato e confronto com a revelação remete o aluno novamente ao seu presente e lhe abre as janelas do futuro na medida em que o encontro exige engajamento em nome de Deus.

Do modo como Faure pensa o processo de ensino-aprendizagem, percebe-se o caráter dinâmico da relação presente-passado-futuro. O que vale, a rigor, é o momento no qual o aluno se encontra. Contudo, sentir e responder ao chamado de Deus não se reduz à situação presente, mas tem por objetivo formar o aluno para toda a vida: “Esta formação do espírito cristão é o mais importante no papel educativo da família e da escola, pois se trata da formação para toda a vida”.⁴⁴

De todo modo, o ensino religioso se inscreve no campo educativo, pois o que aí ocorre, refere-se a um processo lento, que partindo do presente, isto é, do aluno, o conduz a mergulhar na tradição da fé do Povo de Deus para descobrir a experiência de Deus no Antigo e no Novo Testamento, tendo em vista a formação de um modo de ser e proceder cristão, que lhe dê sustentação por toda a vida. Portanto, educação é um processo sistemático, intencional com vistas à formação do juízo cristão. Neste sentido, o *ensino* religioso se inscreve como um

⁴² FAURE, P., *La educación en la fe en pre-escolar y primer año de primaria*, p. 63.

⁴³ A “lição de silêncio” é um exercício tomado da pedagoga Lubienska de Lenval por Pierre Faure. Trata-se de um exercício a ser feito com crianças pequenas com o objetivo de criar as condições para se ouvir a Deus, para ouvir a si, para gerar pensamentos. Enfim, é uma lição que faz parte de um projeto maior de educação para o silêncio e para a contemplação (LUBIENSKA DE LENVAL, H., *Educação religiosa das crianças*, p. 20. 99-111).

⁴⁴ FAURE, P., *La formación Religiosa*, p. 33. Cf. FAURE, P. *Ensino Personalizado e comunitário*, p. 7. Refletindo sobre o papel da escola, diz que ela se propõe a ser, acima de tudo, “educadora de pessoas responsáveis por uma formação no presente que vise ao porvir”.

componente curricular ao lado de outros. Contudo, a qualidade deste ensino é religiosa.

b) Educação Religiosa

O adjetivo, *religiosa*, tem uma dimensão antropológica e teológica. A primeira pode ser encontrada na descrição que Faure faz do que se passa no interior do aluno:

“No mundo que está observando continuamente, que vai descobrindo, encontra beleza (...); mas, descobre também que há injustiça e desgraças (...). Isto nos mostra que no mundo não há nada absoluto. Por isso a criança busca o transcendente, busca a Deus (...).”⁴⁵

Religiosa, neste caso, significa a atitude de busca do Transcendente pelo ser humano mediante a constatação de que nada do que experimenta na realidade lhe responde absolutamente. Nesse sentido, a educação é *religiosa* na medida em que abre o ser humano à experiência passada, desafia-o a projetar o seu futuro. Educa-o, dando ao presente um caráter importante, mas não o único existente e fechado em si. Segundo Faure, essa educação é religiosa também na medida em que está engajada na formação do

“espírito que suscita o trabalho de nossa razão, sobretudo de um espírito que supera esta mesma razão, que nos leva além das razões imediatas de utilidade, conduzindo-nos para realidades que não se vêem, que não se tocam nem se contam. (...). Estas realidades, nós as chamamos de valores, e estes valores nos dão uma dignidade e também uma alegria.”⁴⁶

Com esse conceito de religioso, conclui-se que em toda educação propriamente dita, as várias matérias merecem este qualificativo, pois abrem o ser humano ao sentido da transcendência ao propor a busca do conhecimento e a superação dos limites impostos pelo não-saber.

Contudo, o termo *religioso* não se esgota num sentido unicamente antropológico. A dimensão antropológica tem sua raiz última na dimensão teológica. Foi Deus quem tomou a iniciativa de se revelar a Moisés no silêncio do deserto. A grande revelação feita a Moisés foi: “Eu sou aquele que sou”. Primeiro se dá a revelação de Deus e, em seguida, a resposta do homem, numa atitude de adoração e seguimento. Os alunos deverão desenvolver, como o Povo de Israel, a “atitude religiosa de que Deus se ocupa dos homens, conhece a cada um e os chama pelo nome”.⁴⁷

⁴⁵ FAURE, P., *La formación religiosa*, p. 30.

⁴⁶ Id., *Formación Religiosa*, p. 42

⁴⁷ Ibid., p. 43

Neste sentido, a atividade educacional *religiosa* poderia ser compreendida como o empenho educacional de levar as pessoas a descobrir Deus como Espírito, a relacionar-se com este Deus, numa atitude de adoração, e a expressar esse relacionamento através da oração.

Esta maneira de compreender a educação religiosa é válida independentemente da tradição religiosa na qual se dá esse processo. Na medida em que tal educação se faz desde dentro de uma dada tradição religiosa, essa emprestará seu patrimônio ao empreendimento educacional e o distinguirá ainda mais dentro da atividade da educação religiosa em geral.

c) Educação Religiosa Cristã

O específico da ERC é dado pelo histórico da comunidade cristã, com sua expressão primordial em Jesus Cristo, e a visão do Reino de Deus, à qual o histórico dá origem: “Cristo nos revela (...) que Deus não está só, mas que vive em família. Deus é Pai, é Filho e Espírito, que une o Pai com o Filho (...) Isto é o essencial de toda formação religiosa, é a mensagem a transmitir” (...).⁴⁸ A visão cristã de Deus mostra que há uma vida de relação, uma vida de amor na qual os cristãos estão chamados a participar. Nesse sentido, Jesus não só revela Deus, mas revela quem Ele é. Por isso é que Faure insistirá em que os alunos descubram que o Antigo Testamento, do ponto de vista da fé cristã, preparou o Novo, e que a revelação mosaica encontra seu sentido último na revelação definitiva de Deus dada em Jesus Cristo.⁴⁹

Em síntese, podemos dizer que a ERC é a “formação do espírito”⁵⁰ humano à luz da fé cristã, uma formação que exige um empreendimento sistemático, intencional e aberto às verdades humanas e religiosas. É uma formação que se dá desde o interior do ser humano, pois é aí que se deve descobrir e responder ao chamado do Deus de Jesus Cristo.

⁴⁸ Ibid., *Formación Religiosa*, p. 44.

⁴⁹ KLEIN, L. F., *Educação Personalizada: desafios e perspectivas*, p.83. Na opinião de Klein, Pierre Faure “entende a educação religiosa como a ajuda às crianças para perceber em si os apelos de Deus e responder-Lhe com consciência e liberdade”. Correto, mas esta afirmação deveria ser compreendida à luz do que Deus revelou em Jesus Cristo.

⁵⁰ FAURE, P., *Formación Religiosa*, p. 42.

1.1.3

Propósito da Educação Religiosa Cristã

A natureza da educação religiosa cristã pode ser definida como uma atividade deliberada, intencional, que visa responder à pergunta pela busca do sentido da transcendência à luz da experiência cristã, confrontando o presente com a tradição e abrindo-o ao futuro. A educação religiosa se ocupa em ajudar o aluno a ler dentro de si os apelos de Deus e a responder em consciência e liberdade.

A questão que se coloca é sobre o propósito da educação religiosa em chave cristã. Esta visa o desenvolvimento das dimensões básicas da fé cristã: a confiança, a crença e a ação.

a) Fé como crença

Sendo a fé dádiva de Deus, dinamizada pelo Espírito, a comunidade cristã, em todas as épocas, entendeu a sua missão como promoção da fé  enciada⁵¹.

Ora, assumir esta missão significa reafirmar que “a fé é uma dádiva de Deus, cuja graça toca o âmago da pessoa e a predispõe a uma relação vivenciada com Deus em Jesus Cristo”.⁵² Esta compreensão exige levar adiante o desenvolvimento da fé como crença. Significa que ela tem um componente cognitivo, uma dimensão racional. Parte do pressuposto de que toda fé inclui um conhecimento e uma interpretação da experiência humana, uma maneira de encontrar o sentido da existência. Por isso, há variadas crenças nas quais os cristãos devem ser iniciados para dar significação à sua vida.

Esta dimensão se fundamenta na experiência mesma do homem que busca um sentido para a vida, mas também na própria fé, possuidora de uma dimensão objetiva que ultrapassa a subjetividade humana. No processo educativo, o aluno deve descobrir Deus como Espírito na revelação mosaica, bem como, Jesus anunciado nas escrituras hebraicas, a noção cristã de Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) e a continuidade de Jesus na Igreja⁵³.

Contudo, não basta o conhecimento teórico das verdades da fé. Por si só, ele é insuficiente:

“a educação da fé não pode reduzir-se a um ensino (de noções da fé). O ensino é necessário mas nunca suficiente, porque a adesão à fé é livre. Ninguém pode impô-la

⁵¹ GROOME, T., op. cit., p. 93.

⁵² Id., p.123-124.

⁵³ FAURE, P., *La Formación Religiosa*, p. 35.

do exterior (...). A fé não se ensina como os elementos da ciência, ainda que constitua ela mesma uma ciência (...).⁵⁴

É necessário perceber que há também uma dimensão subjetiva da fé cristã.

Importa suscitar o compromisso pessoal a partir de

“um programa de vida que comprometa cada um a tirar dele conclusões pessoais para sua vida e para a compreensão dos problemas do mundo, vistos através de um conceito cristão (...). Então, a educação da fé deve ser uma fonte para esta vida pessoal, intelectual...”⁵⁵

b) Fé como confiança

Há também uma dimensão afetiva na fé cristã, uma atitude de confiança, pois a educação religiosa consiste em “ajudar os alunos a perceberem em si os apelos de Deus e responderem-Lhe com consciência e liberdade”. Esta dimensão dá sustentação às pessoas em seu desenvolvimento espiritual. Este é feito através da prece pessoal e comunitária. Promove um laço permanente e profundo de amizade e de bondade com a família humana. Quando a criança descobre que Deus é Espírito, mediante a preparação pela “lição de silêncio”, pelo “exercício de psicomotricidade, pelo chamado a cada um pelo nome”, que atua no seu interior etc., surge a oração. “Quando há esta resposta ao chamado há uma relação e se sente necessidade de atender mais profundamente a esta relação, buscando palavras para fazê-lo na oração”.⁵⁶

Esta não deve ser uma experiência apenas individual, mas também comunitária. “É normal que os cristãos e as pessoas que vivem juntas queiram orar juntas. De fato, não há alma em uma comunidade cristã se os cristãos que formam essa comunidade não oram juntos”⁵⁷. É importante que no cotidiano da escola haja um momento do dia no qual os alunos possam orar, mas que seja uma verdadeira oração, isto é, que se coloquem na presença de Deus⁵⁸. Não basta, de uma parte, o aprofundamento da dimensão racional da fé. Não é suficiente, de outra, a formação de pessoas que mantêm uma vida de oração pessoal e comunitária em si. Faz-se necessário, também, a dimensão de testemunho e de engajamento em nome desta fé.

⁵⁴ Id., *La educación en la Fe*, p.112.

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ Id., *Formación Religiosa*, p. 45.

⁵⁷ Id., *La formación Religiosa*, p. 41.

⁵⁸ Ibid., p. 42.

c) Fé como ação

Esta dimensão aponta para a dimensão moral e ética da fé cristã, uma atividade, uma ‘ação’. A fé cristã convida-nos à participação no mundo. Primeiro, em resposta à dádiva de Deus e, segundo, em resposta ao mandamento do Reino de Deus em Jesus Cristo. Essa dimensão, se bem trabalhada, leva a experimentar a unidade entre o que professamos, cremos, e a maneira pela qual realmente participamos do mundo. Para “um cristão, a moral, ou seja, o que se pode fazer e o que não se pode fazer, tem fronteiras que vão mais além de um conformismo social ou de um juízo moral da própria consciência”. Transpondo estas preocupações para o campo educativo, Faure afirma que

“as crianças encontrarão essa diferença de comportamento: o que podem e o que não podem fazer. Há de levá-las também a refletirem mais além: Deus, o que pensa disto? Eu, que devo fazer”.⁵⁹

O espaço privilegiado para o desenvolvimento destas dimensões é a comunidade cristã presente na escola, que tem por objetivo formar o juízo cristão dos alunos: uma escola cristã só tem sentido quando forma o juízo de seus alunos, quer dizer, quando lhes ensina a viver, a pensar de modo cristão.⁶⁰ Isto significa que a escola deve também fazer um esforço para que as três dimensões da fé sejam articuladas equilibradamente, para se evitar unilateralismos.⁶¹

Então, o propósito básico da educação religiosa cristã é o de formar o juízo cristão dos alunos, isto é, um modo de ser, de proceder, de pensar, de sentir e de agir segundo o modo de Jesus Cristo. A formação do juízo cristão deve conduzir o aluno a descobrir que o propósito da fé cristã se concretiza e se expressa nas dimensões racional, fiducial e de engajamento, que afetam integralmente aqueles que se colocam no caminho com Jesus.

⁵⁹ Ibid., p. 40.

⁶⁰ Id., *Formación Religiosa*, p. 47. Grifo do autor.

⁶¹ Ao tratar do risco de oferecer uma educação religiosa baseada na dimensão racional, Faure chama a atenção para exemplos, ao longo da história, de pessoas que freqüentaram os cursos de religião, tiveram excelente aproveitamento, mas não vivenciaram a fé cristã. Ele cita o exemplo de Voltaire: “Em certa ocasião quebrou-se um vidro da janela durante a aula. Enquanto esperavam o responsável para substituí-la, colocaram um cartão e sobre ele escreveu-se: ‘E o Verbo se fez carne’, mas ele, em lugar de escrever isto, escreveu um jogo de palavras: ‘E o Verbo se fez quadrado’ (para a janela), o que significava muito espírito, porém muito pouca fé e, inclusive, um espírito sem sentimento religioso”. FAURE, P., *La educación en la fe*, p. 111.

1.1.4

Conteúdos da Educação Religiosa Cristã

Em coerência com as dimensões da fé, os conteúdos vão além da dimensão doutrinal. Eles envolvem atitudes a serem ensinadas e aprendidas e o saber fazer.

a) Atitudinais

Sou espírito: supõe a tomada de consciência de que somos espírito e que isto permite, ainda que de uma maneira muito simples, ter idéia de Deus como sendo Espírito.⁶²

Deus se preocupa comigo: Deus se ocupa dos homens, os conhece a cada um e os chama por seu nome.⁶³ Ou seja, cada aluno deve tomar consciência de que Deus se ocupa dele, de que nunca está só, nunca está perdido nem isolado. Deus se ocupa dele como se ocupou de seu povo.

Participação da vida divina: o aluno deve sentir-se participante da vida de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.⁶⁴

Oração: estabelece uma relação profunda com Deus de modo a expressá-la pela oração: “Quando há esta resposta ao chamado (de Deus) há uma relação, e (o aluno) sente necessidade de atender mais profundamente a esta relação tendo palavras para fazê-lo na oração”.⁶⁵

Discernimento: formação do discernimento cristão, sobretudo mediante

“o levantamento de problemas vitais da vida cotidiana: os alunos tomam consciência destes problemas e se questionam sobre o que devem fazer, o que não devem fazer, sobre o que pensar disto. Os alunos podem sugerir os problemas da vida para que se iluminem à luz do Evangelho, da Bíblia ou com parábolas”.⁶⁶

Superação do fracasso: que os alunos dêem sentido ao fracasso mediante o mistério da cruz. Seria muito belo que tudo nos saísse bem, mas não é assim.

“Não temos direito de enganar os alunos. Haverá momentos que poderão fazer o que querem, em que queiram fazer as coisas bem e não o conseguem, em que tenham que fazer algo que não querem. Esta é a condição do homem débil e pecador (...). É

⁶² Id., *Formación Religiosa*, p. 43.

⁶³ Ibid.

⁶⁴ Ibid., p. 44.

⁶⁵ Ibid., p. 45.

⁶⁶ Ibid., p. 47.

necessário enfrentar o mistério da cruz, fazer-lhe compreender seu verdadeiro sentido”.⁶⁷

Espírito comunitário: criação de um espírito comunitário, “falando não somente das coisas materiais ou de trabalhos que realizaram, mas que sejam capazes também de pôr em comum o que cada um leva de mais rico dentro de si”.⁶⁸ Na verdade, todas estas atitudes são expressões da adesão livre e consciente à pessoa de Jesus Cristo.

b) Conceituais

O conteúdo conceitual equívale à explicitação da dimensão da fé cristã relativa à crença. Na primeira etapa da formação religiosa, a preocupação fundamental é com o “despertar da fé”. Por isso, não se trata de aprender formalmente conceitos, mas de experimentá-los. Somente, a partir dos dez anos, inicia-se a fase de aprofundamento do que foram descobrindo, vivendo e assumindo anteriormente.

Deus é Espírito que relaciona e a pessoa responde: o conceito que preside esta fase é a afirmação, a partir já da revelação mosaica, de que *Deus é Espírito* (Salmo 139, a história da vocação de Moisés, o chamado de Abraão, o chamado de Eli, o chamado de Maria, os demais servidores de Deus, os apóstolos).⁶⁹ Também nesta etapa, o aluno descobre que Deus se relaciona com o ser humano e que este Lhe responde. Aprende as várias formas gestuais de oração (gestos de adoração, de oferenda, ação de graças).⁷⁰

Trindade - Deus é Amor: na segunda etapa, preparada pelo Antigo Testamento, ocorre a segunda revelação: Jesus revela, não só o conhecimento de Deus, mas quem é Deus mesmo. Não é solitário, mas é relação: é Pai, é Filho e Espírito que une o Pai e o Filho.⁷¹ Aqui, o aluno deverá descobrir a concepção cristã de Deus: Uno e Trino.

História da Revelação/Salvação: conhecimento da história do Povo de Deus,⁷² da Sagrada Escritura,⁷³ da dimensão histórica e sociológica da Igreja,⁷⁴ da

⁶⁷ Id., *La educación de la fe en pre-escolar y primer año de primaria*, p. 66; cf. também “*La formación Religiosa*”, p. 30.

⁶⁸ Id., *La formación Religiosa*, p. 39; c.f., também *Formación Religiosa*, p. 47.

⁶⁹ Id., *Formación Religiosa*, p.45-46.

⁷⁰ Ibid., p. 45.

⁷¹ Ibid., p. 44; cf. também *La formación Religiosa*, p. 34.

⁷² Id., *Formación Religiosa*, p. 46.

⁷³ Id., *La educación en la fe*, p. 112.

⁷⁴ Ibid.

história dos concílios, dos documentos e encíclicas da Igreja, dos documentos históricos, da história da liturgia e de seus diferentes ritos, da história dos sacramentos,⁷⁵ dos ministérios da Igreja e a participação da mulher, da história e organização da Igreja.⁷⁶ Acrescenta também o conhecimento cultural sobre outras religiões⁷⁷. Enfim, trata-se de ajudar o aluno a descobrir as verdades da fé presentes na profissão de fé cristã. Esses conteúdos são apenas meios para ajudar o aluno a progredir na sua adesão e relação ao Deus de Jesus.

c) Procedimentais

Ao falar da pedagogia divina, do modo como o povo foi descobrindo a Deus, reforça-se a necessidade de que também o aluno O descubra. O acento recai mais na iniciativa do aluno do que naquele que ensina.

Ao tratar dos meios que podem ajudar os alunos a assumirem a dimensão eclesial da fé, do espírito de colaboração da comunidade dos seguidores de Jesus, deve-se “oferecer aos alunos a oportunidade de darem-se conta de que encontraram as respostas às perguntas que se fazem (...). Nada está definitivamente terminado. Há que dar aos alunos também neste aspecto da fé, o gosto pela investigação”.⁷⁸

Para realizar este objetivo, é necessário que se tome como meio a organização de uma sala de documentação, onde se encontram livros, informes, e que os alunos devem participar da confecção desta informação, documentos etc.⁷⁹ O aluno deve aprender a utilizar a biblioteca: encontrar a obra procurada e apropriar do sistema de classificação. Além disso, para levar adiante o espírito de investigação, faz-se necessário a apropriação das técnicas básicas de pesquisa, desde a elaboração de perguntas, fichamentos, análise, sínteses e produção.

Deverá ter um conhecimento suficiente da Escritura, situá-la histórica e geograficamente, bem como conhecer os diferentes gêneros literários, o vocabulário e métodos exegéticos.⁸⁰ O aluno deve ainda conhecer os diferentes gêneros da tradição da Igreja – concílios, cartas encíclicas – nos quais manifesta seu pensamento e postura.

⁷⁵ Ibid., p. 113.

⁷⁶ Ibid., p. 114

⁷⁷ Id., *Formación Religiosa*, p. 48.

⁷⁸ Id., *La educación en la fe*, p. 115.

⁷⁹ Id., *Formación Religiosa*., p. 48

⁸⁰ Id., *La formación Religiosa*, p. 36

Estes são os conteúdos que ajudarão na realização do propósito da educação religiosa cristã, que é, em última instância, formar alunos que adiram à pessoa de Jesus e testemunhem esta adesão na internalização de atitudes, no domínio dos conceitos fundamentais da fé, bem como, no manejo dos procedimentos fundamentais que os ajudem na sua formação permanente para a vida.

1.1.5

Abordagem do ensino religioso

Como abordar a educação religiosa cristã de modo a realizar seu propósito, conteúdos e natureza? Trata-se de apresentar alguns elementos que norteiam o desenvolvimento desta formação com vistas a realizar o seu objetivo.

a) Preparação prévia

O segredo da formação está na preparação prévia. Esta acontece tanto na família, a primeira responsável pela educação religiosa, quanto na escola. Em primeiro lugar, o professor cultiva a atitude de *acolhida*.⁸¹ Deste modo, o aluno sente que é Deus mesmo quem o acolhe. É Deus quem começa tudo e sempre toma a iniciativa. Em segundo lugar, cria um clima favorável na classe, primando pela boa organização, bem como pela preocupação com os instrumentos de trabalho, de modo que o aluno tome consciência do que deve fazer, mas também de como fazer o que é proposto. Todos estes instrumentos são colocados a seu serviço para fazer bem o que deve ser feito. “Tudo isto vai formando bons hábitos na criança. Convida-se-lhe a tomar consciência, a obedecer ao que sua consciência lhe dita”.⁸²

Em vez de suportar influências externas, de atuar somente por obrigação, o aluno fica atento, respondendo ao chamado de sua consciência interior. Este chamado é psicologicamente provocado pela atenção e presença dos demais. Esta preparação é a base da preparação para o despertar religioso.

A pessoa consciente, livre e responsável está preparada para começar a formação religiosa. Por isso, antes de iniciar a formação religiosa, o aluno toma consciência de que tem uma vida interior e uma consciência. É neste contexto que

⁸¹ Id., *La educación de la fe en pre-escolar y primer año de primaria*, p. 61.

⁸² Ibid.

“o verdadeiro ensino personalizado e comunitário prepara o despertar do sentido religioso”.⁸³ Um ensino personalizado e comunitário é a condição de possibilidade para se levar adiante a educação religiosa não só na sua preparação prévia, mas também na sua realização mesma, tanto para os alunos menores quanto para os maiores, pois

“enquanto não houver conclusões pessoais destes conhecimentos, não se pode dizer que exista educação na fé. É necessário que exista um compromisso pessoal, que haja uma busca das exigências da fé na vida. Isto é com frequência deficiente, inclusive em nossas escolas (...). Não existe educação na fé enquanto não houver uma adesão pessoal a Jesus Cristo...”⁸⁴

b) Pedagogia

Com o objetivo de responder ao desafio de como conduzir os alunos à fé e no processo de crescimento da fé, toma-se as escrituras hebraicas e cristãs como referência. A Bíblia é a tradução de toda a pedagogia divina usada por Deus para ajudar o povo de Israel e toda a humanidade a tomar consciência da existência do verdadeiro Deus, bem como, da atitude a ser tomada diante d Ele.⁸⁵ “É uma descoberta ver que Deus nos falou nela, é a descoberta, em definitivo, do próprio Deus (...)”⁸⁶.

Na formação religiosa, o aluno é conduzido pelos mesmos caminhos percorridos pelos que nos antecederam, ou seja, inicia-se pelo *Deus revelado no Antigo Testamento*. O aluno descobre que a primeira grande revelação de Deus se deu com Moisés: “Eu sou aquele que sou”. Isto é, que descubra Deus como Espírito.

Como conduzir o aluno a Deus? “Simples e singelamente através da rítmica do movimento da lição de silêncio que é freqüentemente o fruto desta formação”.⁸⁷ Ao mesmo tempo, descobrir que o Antigo Testamento preparou o Novo Testamento, isto é, a vinda de Jesus Cristo; depois, descobrir *Jesus Cristo: vindo para revelar os tesouros da família divina – Novo Testamento*. O aluno deve descobrir que Jesus não só deu a conhecer a Deus, mas mostrou quem Ele é: relação de amor do Pai, Filho e Espírito. “A criança descobrirá quem é Deus como

⁸³ Ibid., p. 66.

⁸⁴ Id., *La educación en la fe*, p. 112.

⁸⁵ Id., *Educación de la fe en pre-escolar*, p. 63.

⁸⁶ Id., *La formación religiosa*, p. 33.

⁸⁷ Ibid., p. 34.

os apóstolos também descobriram-No, através de Jesus”; por último, fazer a experiência de que *Jesus Cristo continua através das gerações entre nós: Igreja*.⁸⁸

Cristo fundou a Igreja para assegurar sua presença entre os homens até a vinda definitiva. O aluno descobre-se e sente-se como membro ativo da Igreja. Assim, os alunos passam por estas três etapas, as mesmas percorridas pelo Povo de Deus.

c) Metodologia

De um modo geral, o método usado pelos manuais de ensino religioso é o ver-julgar-agir, codificado pelo cardeal Cardijn, na França.⁸⁹ Na infância, a preocupação é com a descoberta do espírito e do Espírito de Deus. Prima-se pelo método experiencial, ou seja, pela ritualidade litúrgica. Contudo, a organização da formação religiosa, seja em que etapa for, deve ajudar o aluno a refazer o caminho do Povo de Deus no Antigo Testamento, no Novo Testamento e na Igreja.⁹⁰

1.2

Modelo inter-religioso

1.2.1

Histórico

O modelo de ensino religioso centrado na educação da religiosidade surgiu em Minas Gerais, a partir da experiência do professor W. Gruen, na cidade de São João Del Rey.⁹¹ Contribuiu para o seu surgimento, o crescente descontentamento do modelo catequético. Os alunos já não eram naturalmente cristãos assumidos no contexto escolar. Percebia-se a necessidade de um enfoque que contemplasse não

⁸⁸ Ibid., p. 35.

⁸⁹ Cf. KLEIN. L. F., op.cit., p. 21. Comentando o contexto educacional da França no pós-guerra, Klein comenta a influencia de Faure na elaboração de métodos ativos para a aprendizagem e o uso de certas dinâmicas encontradas nos movimentos de juventude (JEC- juventude estudantil católica). Talvez inspire aí no uso, mesmo implícito, do método ver, julgar e agir. Haveria, contudo, que precisar a relação deste com o enfoque personalizado e com os momentos didáticos, comuns a todas as disciplinas, propostos por Faure.

⁹⁰ FAURE, P., *La formación Religiosa*, p. 35.

⁹¹ Pe. Wolfgang Gruen (1927), salesiano, atua no magistério, no diálogo ecumênico e inter-religioso. Desde os anos 50 tem tido parte ativa na caminhada da catequese, do movimento bíblico e do ensino religioso.

somente o pluralismo da sala de aula, mas que se buscasse algo que fosse comum a todos os seres humanos.

Segundo o Pe. Gruen, o surgimento do novo modelo de ER foi provocado pela repercussão na mentalidade de alunos e professores da sociedade pluralista. Três focos de questionamento irromperam:

“os jovens mostravam crescente insatisfação pela disciplina, por mais que os professores procurassem torná-la apetecível. Era evidente que o problema não estava só no método. Os educadores e formadores de opinião passaram a reavivar a campanha pela exclusão do ER da Escola da rede oficial, embora sem a virulência de outros tempos; o novo perfil da Catequese resultou ora em descrédito do ER, ora em busca de um ER à altura do momento”.⁹²

Estes fatos confirmam que o ER tinha-se tornado corpo estranho na escola. Segundo Gruen, foi na área da Catequese que se passou a pensar em alternativas: “ou eliminar a disciplina, ou providenciar sua reestruturação substancial, de modo a proporcionar um conteúdo sentido como relevante.”⁹³

Segundo E. Alberich, a atitude dos educadores e formadores de opinião encontra explicação no repensamento conciliar sobre a natureza da ação catequética, entendida como reflexão e caminho de fé no contexto da comunidade cristã, bem como, na afirmação por parte da Igreja de alguns valores específicos da época moderna, como a autonomia das realidades temporais, o respeito à liberdade de consciência, o senso democrático, a intolerância para com toda e qualquer forma de privilégio ou doutrinação. Inclua-se ainda a mudança da atitude religiosa das pessoas engajadas na realidade escolar. Muitas pessoas se mostram distantes de uma adesão efetiva à fé.⁹⁴ Então era urgente que se buscasse uma nova fundamentação e um novo enfoque para o ensino religioso.

1.2.2 Natureza do ensino religioso

O ponto de partida do novo modelo é buscado em algo que antecede o fenômeno religioso e a fé engajada em determinada tradição. Estes, na verdade, constituem expressão de algo anterior, de algo que as ultrapassa, denominado de Religiosidade.

⁹² GRUEN, W., *Verbete de Ensino Religioso*, p. 2.

⁹³ Ibid.

⁹⁴ ALBERICH, E., *A catequese na Igreja hoje*, p. 217.

Religiosidade é, segundo Gruen, “a atitude de abertura do homem ao sentido radical de sua existência.” Não se trata de mais uma atitude ou função: a religiosidade é a “dimensão mais profunda de todas as funções da totalidade da vida humana.”⁹⁵

Contudo, o termo religiosidade remete para termos como religião e fé, o que provoca equívocos, pois fazem parte do mesmo campo semântico. Estes termos se articulam entre si. Para J. B. Libanio, a religião vem responder a uma dimensão profunda das pessoas. Dessa matriz antropológica brotam as religiões, como também, a ela se dirigem. É a Religiosidade. Quando, porém, nessa relação o ser humano se percebe interpelado por uma Palavra revelada de Deus e a acolhe como exigência ética de vida, aí acontece a fé.⁹⁶

Para Gruen, religiosidade é a atitude dinâmica de abertura do homem ao sentido fundamental da sua existência, seja qual for o modo como é percebido este sentido. Está na raiz da vida humana em sua totalidade. Visto que o ser humano é histórico, sua religiosidade se exterioriza dentro dos sistemas formais próprios do seu espaço existencial, constitui-se a religião. O grupo social que vive esta atitude constitui uma comunidade de fé.⁹⁷

A Religiosidade é, portanto, o nome que se dá a esta dimensão de abertura e cultivo por parte do ser humano do transcendente, do sempre mais. O ser humano sempre desejou, ao longo da história, ultrapassar os limites da razão e da ciência. Foi, e, é continuamente desafiado a responder às questões fundamentais da existência com as quais mais cedo ou mais tarde se depara: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? As respostas estão sistematizadas, sobretudo, nos sistemas religiosos, mas também na arte, na filosofia, na política, na ciência e no cotidiano. Por trás dessas construções e criações humanas nos deparamos com o desejo humano de transcender-se a si mesmo.

É no intuito de educar o ser humano, no sentido de sempre manter aberta a pergunta pelo Sentido que se dispõe do Ensino Religioso Escolar. Ele se situa neste primeiro nível fundamental, a saber, o da busca do sentido último da vida para além da morte, perscrutado tanto no interior das religiões (religião como fato cultural), quanto fora delas, porque o mistério é experimentado no cotidiano da

⁹⁵ GRUEN, W., op. cit., p. 24 e 117.

⁹⁶ LIBANIO, J. B., *As Lógicas da Cidade*, p. 54-55.

⁹⁷ GRUEN, W., op.cit., p. 75-76.

vida. A busca do sentido e da felicidade é um fenômeno humano, mesmo por aqueles que se recusam a admiti-lo⁹⁸.

1.2.3

Propósito do ensino religioso

A educação visa desenvolver todas as potencialidades do ser humano, dentre as quais está a religiosa. “Admitindo que o ser humano é naturalmente religioso, a educação desempenha sua função fazendo brotar e crescer a disposição natural deste ser para a busca do transcendente”.⁹⁹

A educação religiosa “constitui a base da formação integral, perpassando todas as dimensões do ser humano, favorecendo o seu desenvolvimento harmonioso”, tornando-o mais consciente da condição humana, suscitando o espírito de solidariedade e fraternidade.¹⁰⁰

A finalidade do ensino religioso consiste, para o idealizador desse modelo, em proporcionar ao aluno as oportunas experiências, informações e reflexões ligadas à dimensão religiosa da vida,” que o ajudem a cultivar uma atitude dinâmica de abertura ao sentido radical da sua existência em comunidade, e a preparar-se assim para uma opção responsável do seu projeto de vida.¹⁰¹

O ensino religioso quer ajudar o aluno a fazer a experiência religiosa, que é esta capacidade de ir além da superfície das coisas, acontecimentos, gestos, normas e formulações, para interpretar toda a realidade em profundidade crescente e atuar na sociedade de modo transformador e libertador.

Neste sentido, podemos dizer que amplia-se a compreensão do ensino religioso, na medida em que o “fator religioso” passa a ser procurado não exclusivamente nas religiões, mas naquilo que é comum a todos os homens seriamente empenhados em realizar o sentido último da existência.¹⁰²

⁹⁸ VAN BALEN, F. C., *Dinâmica Religiosa e Construção do Ser Humano*, p. 21: traduz a Religiosidade como a busca de um tesouro escondido: a Felicidade. Neste sentido, ainda que um ateu negue a existência da transcendência presente nos fenômenos religiosos, nem por isso se pode dizer que estão descomprometidos com a busca da felicidade.

⁹⁹ VELOSO, E. S., *Fundamentos filosóficos dos valores no ensino religioso*, p. 74.

¹⁰⁰ Ibid.

¹⁰¹ GRUEN, W., op., cit., p. 37. 82.

¹⁰² Ibid, p. 24

Em consequência, tudo o que faz parte da vida da criança, jovem e adolescente é conteúdo abordado nas aulas de ensino religioso, pois o que marca seu trato é a perspectiva religiosa.

Ganha prioridade nas aulas o trato de temas apresentados pelos alunos, assuntos e questões que mais lhes preocupam. A temática dos valores é prioritária neste ensino. Isto porque o ensino religioso na escola “consiste em criar, nos alunos, uma disposição integral do sujeito em estar no mundo, possibilitando sua formação moral e ética”¹⁰³ O aspecto ético torna-se fundamental, uma vez que a ética, enquanto forma de relação com o outro, necessita ser marcada pela recusa de todo e qualquer tipo de violência. Esta recusa se estende à relação com a natureza, consigo mesmo e com Deus.

Educar a dimensão religiosa como sentido profundo e radical da existência; trabalhar as relações inter-pessoais; o respeito à liberdade religiosa; possibilitar o amadurecimento da história, do mundo, de si; ajudar as pessoas a se transcenderem, superar superficialidades e alienações; a desenvolver a fé em si, nos outros, no sobrenatural; educar para a convivência e o diálogo são algumas das finalidades do ensino religioso.¹⁰⁴

Deste modo, o ensino religioso realizaria uma função propedêutica à fé vivenciada em determinada tradição religiosa. A catequese muito ganharia com tal perspectiva. Não se trataria tanto de abordar explicitamente determinada tradição religiosa, mas de, mesmo que o faça, de se preocupar pela busca humana do sentido, inclusive para temas não explicitamente religiosos.

1.2.4 Conteúdos do ensino religioso

Como o objeto do ensino religioso é a educação da dimensão religiosa presente em todo ser humano, “todos os conteúdos são adequados ao mesmo, desde que respondam aos questionamentos existenciais dos educandos, segundo suas necessidades e interesses, orientados por um quadro referencial de valores fundamentais”.¹⁰⁵

¹⁰³ FERREIRA, A. C., *Ensino Religioso nas fronteiras da ética*, p. 48.

¹⁰⁴ FERNANDES, M., *Afinal, o que é o Ensino Religioso*, p. 49-50.

¹⁰⁵ FIGUEIREDO, A. P., *Ensino Religioso: perspectivas pedagógicas*, p. 117.

A vida do ser humano enquanto ser situado torna-se conteúdo do ensino religioso. Neste sentido, discute-se os valores que permeiam a relação consigo, com os outros, com o mundo, com a natureza , com Deus.¹⁰⁶ Ao se propor conteúdos que partam da vida, pressupõe-se da parte do educador uma flexibilidade quanto às situações apresentadas pelo cotidiano, o que requer, por sua vez, uma programação também flexível.

Defende-se que os conteúdos eduquem para a vivência dos valores comuns a todos os credos, e neste caso, se estudaria os textos destas tradições e o perfil de seus líderes, na medida em que encarnam os valores escolhidos.¹⁰⁷ Que se tematize o valor da sensibilidade diante das situações desumanas; que se resgate os sinais e mecanismos geradores de vida que precisam ser valorizados e a percepção dos sinais de morte que devem ser rejeitados; a formação do senso crítico na sociedade; a formação da consciência ecológica; o reconhecimento do bom uso da ciência e a técnica; o reconhecimento e respeito pelas diferentes tradições religiosas; o desenvolvimento do sentido do simbólico. Insiste-se ainda nas habilidades de leitura e interpretação relativas ao fenômeno religioso.¹⁰⁸

1.2.5 Abordagem do Ensino Religioso

A dimensão religiosa está na base da formação integral e perpassa as várias áreas de conhecimento e estruturas escolares. O contexto da escola favorece a educação da religiosidade quando mantém um clima de alegria e de fraternidade.

Em termos do processo ensino-aprendizagem, insiste-se no método dialogal para as aulas e para o conjunto das disciplinas escolares. O diálogo interdisciplinar é favorecido pelo tema gerador. Este é um instrumento pedagógico que tem sido aprofundado para se trabalhar a interdisciplinaridade.¹⁰⁹ Este trabalho constitui uma ação pedagógica cooperativa em que as áreas de conhecimento são articuladas entre si, garantindo aos educandos uma visão mais unitária do conhecimento.

¹⁰⁶ FERNANDES, M., op. cit., p. 51-52.

¹⁰⁷ FIGUEIREDO, A., op. cit., p. 118.

¹⁰⁸ Ibid, p. 119-120. GRUEN, W., op. cit., p. 84-85.

¹⁰⁹ FIGUEIREDO, A. P. *O tema gerador no currículo de Educação Religiosa*, p. 21: “Em chave interdisciplinar e numa postura pedagógica humanizadora, os temas geradores favorecem, a contento, o desenvolvimento das atividades de Educação Religiosa de forma abrangente. O ERE é mola-mestra desta educação”.

Em termos mais específicos, Gruen sugere uma metodologia que parta da observação – crítica e confronto – transformação, através de pequenas ações concretas, independente de qual seja a situação ou o tema tratado.¹¹⁰

1.3

Modelo Fenomenológico

Diferentemente do primeiro modelo, que prioriza o enfoque confessional de ensino religioso, e do segundo, que focaliza o substrato comum das tradições religiosas e das cosmovisões humanas não-religiosas, o modelo fenomenológico aponta para outra direção, ou seja, para o estudo das tradições religiosas como mediação para o ensino religioso. Pretende ainda não somente responder ao contexto de pluralismo religioso presente nas escolas, mas também, ser uma alternativa à privatização da religião na modernidade e ao fenômeno da laicização existente no Ocidente.¹¹¹

1.3.1

Histórico

A disciplina de ER,¹¹² neste novo sentido, praticamente coincide com o surgimento do modelo anterior. Tem sido pensada por diversos educadores e instituições em nível nacional, com destaque para o Fórum Nacional de Professores de Ensino Religioso (Fonaper). É assegurado desde o âmbito da escola e tem sua legitimidade garantida pela Constituição Federal: artigo 210; pela Lei n. 9475/97, nova redação do artigo 33 da LDBEN n. 9394/96;¹¹³ pelo parecer n. 04/98 e Resolução n. 02/98 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.¹¹⁴

¹¹⁰ GRUEN, W., op., cit., p. 86.

¹¹¹ CAMPS, V., *Religión, educación y enseñanza*, p. 9.

¹¹² Doravante, usaremos ERE para abreviar o termo Ensino Religioso.

¹¹³ Art. 33 – O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer forma de proselitismo” (Diário Oficial de 23/07/97).

¹¹⁴ CARON, L., *O ensino Religioso na nova LDB*. A autora faz um estudo comentado da legislação mais recente referente ao Ensino Religioso no Brasil, com os processos, limites e dificuldades percorridas pelo grupo de reflexão sobre o ensino religioso (GRERE) e pela sociedade civil.

A presença do ER na escola fundamental não é justificada desde uma argumentação eclesial ou religiosa. Para Emílio Alberich, o ER tem uma relevância educativa, que provém do fato de a problemática religiosa atingir as interrogações mais decisivas da existência e as chaves da leitura em profundidade da vida e da história. “Conhecer esta realidade e confrontar-se com ela, assumindo em face dela uma atitude responsável constituem, pois, partes integrantes de um verdadeiro processo educativo”.¹¹⁵

De outro lado, há igualmente uma relevância sócio-cultural do fenômeno religioso. O fenômeno religioso demonstra ter indiscutível importância na tradição histórica e cultural dos diversos grupos humanos, e continua a representar para muitas pessoas um ponto de referência para a própria concepção de vida, de sociedade e de história.¹¹⁶

De todo modo, o Ensino Religioso (ER), no novo modelo, é definido como “a área de conhecimento que tem como objeto de estudo o Fenômeno Religioso”.¹¹⁷

1.3.2

Natureza do ensino religioso

Ao contrário do modelo confessional, que mantém a unidade da fé cristã nas suas dimensões fiducial, praxica e racional, e do modelo centrado na educação da religiosidade, que unifica as experiências humanas e religiosas na busca pelo sentido, a proposta fenomenológica pressupõe uma diferenciação entre a religião como crença e vivência e a religião como fato histórico. É analisada como “fato religioso”.¹¹⁸ A afirmação é de que a religião entendida como “uma confissão, uma doutrina, conteúdo de uma fé não pode ser universalizável, sem mais, numa escola para todos os cidadãos.”¹¹⁹

Por Fato Religioso, Gómez Llorente, entende “a presença do mistério na cultura humana, que faz o homem se interrogar por questões que transcendem os

¹¹⁵ ALBERICH, E., op. cit., p. 219.

¹¹⁶ Ibid., p. 220

¹¹⁷ FONAPER. *Ensino Religioso, Capacitação para um novo milênio: o fenômeno religioso*, p. 4.

¹¹⁸ GÓMEZ LLORENTE, L., *El papel de la religión en la formación humana*, p. 18.

¹¹⁹ CAMPS, V., art., cit., p. 9.

limites da razão e da ciência”.¹²⁰ Ao longo da história da cultura podemos encontrar várias respostas ante as perguntas que foram sendo formuladas.

Para grande parte da humanidade, as religiões foram e são respostas pelo sentido do mistério, pelo sentido da vida. Contudo, sobretudo no contexto da modernidade, existem respostas que negam o sentido de tais questionamentos e perguntas. As respostas positivas e negativas, todas elas formam parte do fato religioso, visto como expressão da “inquietude da consciência humana que se resolve de algum modo pela afirmação ou pela negação da transcendência”.¹²¹

O Fato Religioso é, portanto, em primeiro lugar, um fenômeno da consciência ou do pensamento, que compreende em sua diversidade não só as distintas formas de aceitação da transcendência, mas também sua negação e a crítica intelectual das religiões. Em segundo lugar, compreende “a constatação e conteúdos das grandes mensagens que constituem a substância doutrinal das grandes religiões”.¹²²

Na raiz do fato religioso está o *homo religiosus*¹²³. Mesmo que se possa dizer que o homem moderno prescinda da pertença a determinada tradição religiosa, no entanto a atitude religiosa tem sua vigência nas escolhas que faz e na atitude de fé diante da vida e da morte.¹²⁴

O estudo do Fato Religioso pode ser abordado como fenômeno social, condicionado pela sociedade; pode ser estudado nos seus conteúdos racionais e também, a partir daí poderá revelar as reações do indivíduo perante o fato religioso.

Contudo, o estudo do fato religioso não é redutível nem à sociologia, nem à filosofia, nem à psicologia e muito menos à antropologia. “O fenômeno

¹²⁰ GÓMEZ LLORENTE., L., loc. cit. O termo Fato religioso é aqui tomado como sinônimo de fenômeno religioso.

¹²¹ Ibid., p. 19.

¹²² Ibid.

¹²³ A expressão *homo religiosus* aparece no sec. XVII e aponta para a abordagem das tradições religiosas fora do campo teológico, vigente até então. As várias ciências podem abordá-lo desde seus objetos formais (Cf. POUPARD, P., *Diccionario de las religiones*, p. 763-767).

¹²⁴ Para J. Luis Segundo, a fé diz respeito ao mundo dos valores e à estrutura de sentido. Ela não é verificável, mas aceita a partir do testemunho de pessoas ou grupos que encarnam determinados valores, inspirando outros a fazer o mesmo. A fé, neste caso, nasce de uma cadeia de tradição, sendo portanto testemunhal. De um lado é algo real, mas ao mesmo tempo transcendente, porque não verificável empiricamente. De tal modo, que ninguém vive sem alguma fé, pois o agir é pautado segundo determinada escala de valores. Portanto, a fé é algo anterior, mais amplo e originário e não tem conotação religiosa. (Cf. SEGUNDO, J. Luis., *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*, p. 37-106).

religioso só poderá ser adequadamente entendido quando for focalizado no seu modo próprio de ser, isto é, na perspectiva religiosa”.¹²⁵

Ora, a ciência que se presta a este estudo será a fenomenologia da religião. Dentre as várias definições possíveis, a FR pode ser definida como um

“estudo descritivo de uma religião ou o conjunto de religiões em seus princípios e em suas manifestações históricas. Através da análise da experiência, tenta remontar aos elementos originários e explicativos e destrinçar-lhes todos os componentes” (...) É próprio dela apreender o significado último dos fenômenos religiosos como expressão da espiritualidade humana”.¹²⁶

A abordagem do fato religioso, desde a fenomenologia, tem por objetivo compreender a essência e a estrutura dos fenômenos religiosos, detectados por sua vez em seu condicionamento histórico e na visão da conduta do homem religioso. Trata-se de decifrar os fatos religiosos enquanto experiências do homem em seu intento de transcender o temporal e tomar contato com a realidade última.¹²⁷

O enfoque fenomenológico do fato religioso se distancia de sua abordagem confessional. Naquele, trata-se de perceber o sentido daquilo que aparece diretamente no fenômeno. O sentido que aí não aparece não é considerado como sentido.¹²⁸ O que não aparece poderá ser da ordem da fé ou de natureza doutrinal. Estes não são da ordem da significação. Daí a necessidade da suspensão de toda posição teórica, valorativa, etc, que impeça de perscrutar o sentido manifesto na consciência. Tudo isso é realizado com o objetivo de captar a objetividade do fenômeno religioso tal como se mostra, tal como se deixa ver, tal como aparece e se instaura e as suas categorias.¹²⁹

Por sua vez, a religião, em perspectiva fenomenológica, é entendida como a “atitude de submissão ao Absoluto, que se manifesta em crenças e ritos determinados”.¹³⁰ Neste caso, é função da fenomenologia estudar e descrever os

¹²⁵ TERRA J. E. M., *Origem da Religião*, p. 9.

¹²⁶ SCHLESINGER, H.; PORTO, H., *Dicionário enciclopédico das religiões*, p. 1067. Soares define a FR como “a ciência que através das formas religiosas procura decifrar, descrevendo segundo o método fenomenológico, a essência da religião. Assim, é analisado e comparado entre si tudo o que nas ciências da religião é apresentado como religioso. Deste estudo comparativo global surgiu o conceito de sagrado, uma categoria universal, especificativa do religioso” (F. GOMES, S., *Enciclopédia “Verbo”*, p. 248). Ferrarotti apresenta pelo menos três conceitos de fenomenologia como um método analítico que busca a morfologia da religião; uma escola tipológica que investiga os vários tipos de formas religiosas; a corrente que se ocupa da essência, do sentido e da estrutura do fenômeno religioso (FERRAROTTI, E. et al., *Sociologia da religião*).

¹²⁷ POUPARD, P., op.cit., p. 766.

¹²⁸ PIAZZA, V., *Introdução à fenomenologia religiosa*, p. 17.

¹²⁹ SIMÕES, J. J., *Cultura religiosa: o homem e o fenômeno religioso*, p. 7.

¹³⁰ Ibid., p. 17-18.

atos de culto com os quais o homem procura pôr-se em contato com o mundo divino.

Contudo, é preciso perguntar como a abordagem fenomenológica contribui para o ensino religioso em termos de educação da dimensão religiosa.

Francisco Catão¹³¹, referindo-se ao fenômeno religioso, classifica-o em dois pólos: religiosidade subjetiva e religiosidade objetiva. A primeira aponta para o “desejo de Deus no íntimo do sujeito humano, expressão de sua liberdade, por intermédio do qual anseia por algo que o transcende”.¹³²

Na medida que esse desejo de Deus se externa, vai se configurando como religiosidade objetiva. Esta diz respeito “às formas institucionais das religiões, suas crenças, doutrinas, expressões culturais, exigências morais e práticas religiosas, até as manifestações interiores da religiosidade”.¹³³

O fenômeno religioso é intrínseco ao ensino religioso por constituir a mediação a partir do qual o sujeito se educa religiosamente. “Dizemos, por isso, que a educação religiosa tem como fundamento o reconhecimento e o estudo do fenômeno religioso, manifestação objetiva da realidade”.¹³⁴

F. Catão insiste que “o ensino religioso é educação da religiosidade que se manifesta no fenômeno religioso, caracterizado pela preocupação central com o ser humano em sociedade e na busca pessoal e coletiva de sua auto-realização”.¹³⁵

Deste modo, o ensino religioso pode ser compreendido como o processo de educação da religiosidade intrínseca ao ser humano, constitutiva do fenômeno religioso, e mediada pelo mesmo. Mesmo que negada conscientemente, ela é parte do fenômeno religioso e, portanto, deve fazer parte do ensino religioso.

Deste modo, o modelo fenomenológico de ensino religioso recupera as tradições religiosas como fazendo parte da sociedade do conhecimento, para além de sua privatização. De outro lado, vai além da laicização porque insere no fenômeno religioso também a sua negação.

Contudo, colocar o fenômeno religioso na constituição da disciplina de ensino religioso não significa uma descrição de suas manifestações, “mas

¹³¹ CATÃO, F., *O Fenômeno Religioso: Ensino Religioso Escolar*, p. 23

¹³² Ibid.

¹³³ Ibid., p. 22.

¹³⁴ Ibid., p. 20

¹³⁵ Ibid., p. 113.

favorecer em sala de aula que os educandos aprendam a *essência* da tradição religiosa (religião) e/ou desta experiência que todo ser humano faz”.¹³⁶

O ensino religioso se desenvolve a partir da decodificação do fenômeno religioso. Não se trata, portanto, de codificar com os educandos seus elementos constitutivos, mas de “observar como se dá essa busca de transcendência a partir da experiência que pode ser: espiritual, religiosa, comunitária e institucional”.¹³⁷ O ensino religioso busca compreender o significado existencial do fenômeno religioso para as pessoas, grupos e culturas através da *observação* objetiva e não da interpretação pessoal ou social.

Isto significa, do ponto de vista metodológico, que se deve

“determinar o objeto concreto dessa observação; explicar de forma pormenorizada aquilo que for observado; manter, para isso, uma certa distância e não envolvimento; enfim, recolocar o objeto observado, descrito e analisado no contexto da vida religiosa do grupo, mostrando suas relações com ela. Esta é a pedagogia para o Ensino Religioso”.¹³⁸

1.3.3

Propósito do Ensino Religioso

O propósito do Ensino Religioso, entendido desde a escola da rede oficial, difere substancialmente do que se passa nas escolas confessionais. Nestas, a formação integral do aluno é pensada e informada pela identidade cristã, gerando uma visão particular do mundo, da pessoa e da sociedade. É semelhante aos propósitos do ensino da religiosidade, embora os meios se restrinjam à experiência religiosa no interior das tradições sistematizadas.

O propósito do Ensino Religioso consiste no oferecimento aos alunos dos elementos necessários à compreensão do mundo, da cultura, da história e de si mesmo, para além do contato com uma única tradição religiosa.

O propósito deste modelo de ensino religioso se explicita melhor tendo em vista a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal n. 9.394). Aprovada em 20 de dezembro de 1996, define como objetivo do ensino fundamental, no seu artigo 22, oferecer aos alunos uma “*formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes os meios para*

¹³⁶ FONAPER, *Ensino Religioso, capacitação para um novo milênio.*, op.cit, p. 4.

¹³⁷ Ibid., p. 9

¹³⁸ Ibid., p. 24.

progredir no trabalho em estudos posteriores”.¹³⁹ Este objetivo se operacionaliza no desenvolvimento da capacidade de aprender; de compreender o ambiente natural e social; de desenvolver a capacidade de aprendizagem tendo em vista a aquisição de conhecimentos, habilidades e a formação de valores; no fortalecimento dos laços de família, de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.¹⁴⁰

A partir do que é definido como objetivo geral, deduz-se que a formação para a cidadania implica no desenvolvimento integral da pessoa: dimensão técnica, somática, intelectual/científica, ética, estética e religiosa.

No que se refere à dimensão religiosa, o Ensino Religioso pretende proporcionar o conhecimento dos elementos *básicos* que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas recebidas no contexto do educando; subsidiar o educando na formulação do seu questionamento existencial, em profundidade, para que ele possa dar a sua resposta, devidamente informado; analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações sócio-culturais; facilitar a compreensão do significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas; refletir o sentido da atitude moral, como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano; possibilitar esclarecimentos sobre o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável.¹⁴¹

Neste sentido, caberia ao conhecimento do fenômeno religioso um caráter propedêutico não da catequese vivida no interior de determinada comunidade, mas do desenvolvimento equilibrado das demais dimensões do educando.

O propósito do ensino religioso ao tomar por princípio o conhecimento do fenômeno religioso é ser a *base* da formação integral do aluno. Ele é condição de possibilidade tanto para o aluno compreender a raiz das outras áreas de conhecimento, quanto para a sua própria auto-compreensão, ou seja, para a compreensão do próprio modo de pensar, de agir e de sentir. O conhecimento do FR não é apenas uma dimensão ao lado das outras, mas o pressuposto que dá sentido ao processo de construção das várias facetas do conhecimento escolar.

¹³⁹ PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: *apresentação dos PCNs /Secretaria de Educação Fundamental*, p. 16-17.

¹⁴⁰ Ibid.

¹⁴¹ FONAPER. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso*, p. 30-31.

Além disso, há outras finalidades. É perceptível a ignorância dos alunos do nível primário, secundário e universitário em relação ao conhecimento das experiências religiosas que forjaram nossa cultura. Neste caso, o ensino religioso teria um caráter instrumental para conhecer os marcos da cultura na qual nos situamos.¹⁴²

Pensado em termos de ensino-aprendizagem, este modelo estaria preocupado em trabalhar as matrizes da cultura brasileira nas suas co-relações políticas, sociais, artísticas.¹⁴³ De domínio desse instrumental, os alunos podem compreender o patrimônio histórico-cultural da cultura judaico-cristã e greco-romana.

1.3.4 Conteúdos do Ensino Religioso

Em função da natureza do ensino religioso e do propósito apresentado, os conteúdos escolares são expressões do fato religioso em perspectiva fenomenológica.

No Brasil, os PCNs de ensino religioso organizam os conteúdos partindo da sistematização das respostas criadas pelas tradições religiosas para o pós-morte: a ressurreição, a reencarnação, o ancestral e o nada.¹⁴⁴

Em torno de cada resposta frente à ameaça do não-ser, as tradições elaboraram um sistema próprio de respostas. É dessa estrutura comum que se retira os critérios para organização e seleção dos conteúdos. As invariantes, que estão presentes em todas as sistematizações do fenômeno religioso presente no Brasil, que funcionaram como critérios dos conteúdos são: culturas e tradições religiosas; escrituras sagradas; teologias; ritos e *ethos*.¹⁴⁵

A primeira invariante estuda o fenômeno religioso à luz da razão humana e analisa questões como função e valores da tradição religiosa, relação entre

¹⁴² CAMPS, V., art. cit.: “A cultura religiosa es imprescindible para la culturalización – a formación cultural – de la persona”, p. 12.

¹⁴³ FONAPER, *Ensino Religioso: capacitação para um novo milênio*, Caderno, 2, p. 22-23.

¹⁴⁴ PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE ERE, p. 32. Há vários critérios para selecionar ou organizar um currículo de ERE. Os PCNs fizeram a opção de selecionar os conteúdos para a escola fundamental partindo das respostas que as várias tradições religiosas dão ao pós-morte.

¹⁴⁵ FONAPER, *Ensino Religioso, capacitação para o terceiro milênio: Ensino Religioso e seus Parâmetros Curriculares Nacionais*, caderno 10, p. 22. Cf. também PCNer, p. 33-38.

tradição religiosa e ética, teodicéia, tradição religiosa natural e revelada, existência e destino do ser humano nas diferentes culturas.

A segunda se refere ao estudo dos textos sagrados que, conforme a fé dos seguidores, transmitem uma mensagem do Transcendente, onde, pela revelação, cada forma de afirmar o Transcendente faz conhecer aos seres humanos seus mistérios e sua vontade, dando origem às tradições. Estuda-se a idéia de revelação, a história das narrativas sagradas, o seu contexto cultural e faz-se também a exegese e a hermenêutica atualizadas dos textos sagrados.

A terceira invariante é composta pelas teologias, ou seja, o conjunto de afirmações e conhecimentos elaborados pela religião e repassados para os fiéis sobre o Transcendente, de um modo organizado e sistematizado. Trata-se de descrever as várias representações do Transcendente nas tradições religiosas; as verdades da fé, presentes nos mitos, crenças e doutrina; também as respostas para a vida além da morte.

A quarta invariante trata dos ritos, isto é, das várias práticas celebrativas das tradições religiosas. Estuda-se os rituais propiciatórios, os divinatórios e os rituais de mistérios. São conteúdos, também, os símbolos sagrados e os métodos de espiritualidade.

A última invariante, o *ethos*, entendido como a forma interior da moral humana em que se realiza o próprio sentido do ser, aborda conteúdos a partir da alteridade, dos valores e dos limites éticos.

M. Eliade diz que “andar em torno do fenômeno religioso com a filosofia, a psicologia significa trair o fenômeno religioso e deixar fugir justamente o *quid* único e irreduzível que ele contém: o seu caráter sagrado”. (ELIADE¹⁴⁶ apud PIAZZA, 1976, p. 21). Contudo, a fenomenologia é uma ciência que depende das outras tanto no seu conteúdo quanto no seu método.¹⁴⁷ É neste sentido que os conteúdos apresentados pelos PCNERE, sem abrir mão da fenomenologia da religião como objeto do ensino religioso, faz uso de outras ciências auxiliares como se pôde ver pelas próprias invariantes. A invariante Culturas e Tradições Religiosas faz uso da filosofia, da história, da sociologia e da psicologia. As outras, fazem uso da teologia, da ética, etc.¹⁴⁸

¹⁴⁶ ELIADE, M. *Trattato di storia delle religioni*, ed. Boringhieri, Turim, 1970, p. XV.

¹⁴⁷ SCHLESINGER, H., PORTO, H., *Dicionário enciclopédico das religiões*, p.1067.

¹⁴⁸ FONAPER, *Ensino Religioso*, caderno 4, p. 24.

Tomando como referência que o ensino religioso é um conhecimento humano, disponível aos educandos, os seus conteúdos não servem ao proselitismo, mas querem proporcionar os conhecimentos básicos que compõem o fenômeno religioso. Segundo Junqueira, o tratamento didático dos conteúdos “realiza-se em nível de análise e conhecimento, na pluralidade cultural da sala de aula, salvaguardando-se assim a liberdade da expressão religiosa do educando”.¹⁴⁹

Ao mesmo tempo, com os conteúdos apresentados, o ensino religioso vai sensibilizando o educando para o mistério, capacitando-o para a leitura da linguagem mítico-simbólica, bem como, para a convivência e tolerância para com as diferentes tradições religiosas. Contudo, é a abordagem pedagógica e metodológica que vai garantir o caráter instrumental dos conteúdos do ensino religioso em vista dos propósitos antes apresentados.

1.3.5 Abordagem do Ensino Religioso

Em função de se assumir o fato religioso na perspectiva fenomenológica como fundamentação do objeto e objetivo do ensino religioso, também sua abordagem se dará segundo o método fenomenológico.

Ao analisar a Fenomenologia da Religião de Van der Leeuw, Filorano e Prandi consideram que o fenômeno religioso, em sua manifestação, conhece três etapas: ele está (relativamente) escondido; manifesta-se progressivamente; torna-se (relativamente) transparente.¹⁵⁰

A estas três etapas equívalem os três passos do método fenomenológico: observação; a experiência da manifestação; a compreensão da expressão observada; o testemunho ou a reflexão partilhada.¹⁵¹

Para se captar a experiência da manifestação em si mesma, deve-se levar em conta a *epoché* e a visão *eidética*. Leeuw toma estes dois princípios da fenomenologia filosófica de Husserl. O primeiro indica a suspensão do juízo que o estudante deve operar para captar a essência do fenômeno estudado. O segundo

¹⁴⁹ Ibid., p. 27

¹⁵⁰ PRANDI, C.; FILORANO, G., “As escolas fenomenológicas”, p. 35.

¹⁵¹ JUNQUEIRA, S. R. A., *O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil*, p. 101. Há várias escolas fenomenológicas – descritiva, histórica, morfológica, etc – mas o modelo metodológico assumido pelo presente modelo é o da escola fenomenológica de Van der Leeuw.

indica que o objetivo da pesquisa é entender os elementos essenciais do fenômeno em questão.¹⁵²

Para levar adiante o próximo passo – a compreensão da expressão observada – é fundamental que o educando entre em sintonia, no plano afetivo, com o objeto. O objeto transfere-se, assim, para o sujeito, ao mesmo tempo em que este se desloca para o objeto; e isso, com o objetivo de reexperimentá-lo, de revivê-lo.¹⁵³ Assim, o estudioso atinge uma realidade de tipo psicológica no esforço de entender a realidade do objeto e suas relações estruturais compreensíveis. A compreensão supõe dois passos: um mais analítico, no qual se analisa os objetos tais como são em seus elementos separados. O outro, de caráter genético-estrutural, estabelece as conexões estruturais entre esses elementos, que são experimentados e vividos na sua unidade.

Tendo captado a *essência* da religião a partir dessas operações e da experiência intuitiva, tal essência deve ser testemunhada. Aqui se entra no momento *teológico* do método de Leeuw. Trata-se de demonstrar o modo ou os modos através dos quais o homem pode naturalmente intuir e entender as verdades religiosas.¹⁵⁴

Na opinião de Junqueira, a metodologia fenomenológica se ajusta à estrutura de *projetos*, pois se dá ênfase ao que se quer ensinar em um currículo interdisciplinar, além de enfatizar o papel do estudante como pesquisador, para além da aquisição de estratégias cognitivas.¹⁵⁵

A pedagogia de projetos¹⁵⁶ é entendida como estratégia de “globalizar os conhecimentos” como estrutura psicológica da aprendizagem¹⁵⁷.

¹⁵² PRANDI, C.; FILORANO, G., op.cit., p. 32.

¹⁵³ Ibid.

¹⁵⁴ Ibid., p. 35

¹⁵⁵ JUNQUEIRA, S. R. A., op.cit., p. 102.

¹⁵⁶ Cf. HERNANDEZ, F., *apud Revista de Educação/CEAP*, p. 61: “A função do Projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: a) tratamento da informação; b) a relação entre os diferentes conteúdos em torno dos problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos; c) a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimentos próprios”.

¹⁵⁷ HERNANDEZ, F.; VENTURA, M., *A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio*, p. 57: “A noção de globalização não se fundamenta tanto no que se ensina como nas relações que o esforço dos professores pretende estabelecer. O que se destaca, sobretudo, é a função que se outorga, na hora de ensinar, a toda sequência de aprendizagem que os alunos vão realizar e a interpretação significativa que o docente fará de suas respostas. Por outro lado, se concede um especial valor às inter-relações comunicativas que se estabelecem entre as intenções, recursos e atividade propostos pelos professores, e às conexões que, a partir de seus conhecimentos iniciais, cada estudante possa chegar a estabelecer”.

É definida como uma atitude intencional, com o sentido de que se realiza em um ambiente social; um ato interessado em um propósito¹⁵⁸. Os projetos nascem com o objetivo de minimizar a artificialidade da escola e aproximá-la mais da realidade da vida do aluno; criar pontos entre os conteúdos estudados e o meio físico e social propiciando melhor compreensão da historicidade do tempo e afirmação de pessoas conscientes de seu papel como construtores da história.

Assim, a pedagogia de projetos responde ao contexto de globalização da cultura e dos saberes, bem como, da informática e cinemática, desafiando o aluno a aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a discernir¹⁵⁹. O resultado, desta pedagogia, é a recuperação da dimensão de conjunto e de unidade do conhecimento.

A natureza do ERE requer uma abordagem que garanta a sua natureza de dimensão basilar e fundante da realidade, bem como dos vários tipos de conhecimentos que fazem parte da formação integral dos alunos. Ela permite que o “aluno globalize os conteúdos e suas aprendizagens” percebendo a dimensão da religiosidade presente tanto no fato religioso quanto na realidade secular, dita “não-religiosa”.

O modo de organizar e abordar o ER no interior de uma metodologia holística,¹⁶⁰ sem perder sua especificidade, facilita a realização de seu projeto ecumênico, entendido como “possibilidades de convivência num mesmo mundo”, onde caibam todos sob o ponto de vista geográfico, político e cultural.

Todavia, a relevância do ERE em chave fenomenológica vai além do conhecimento do fenômeno religioso visto na exterioridade. Ele se justifica no fato de que as tradições religiosas têm uma finalidade intrínseca. Elas constituem-se como crença e como fé vivida no hoje da história para milhões de pessoas.

Como pensar o processo de transmissão da fé no contexto escolar desde o ensino religioso? Esta foi a pergunta de fundo que perpassou esta primeira parte. A transmissão da fé se dá partindo de dentro da própria revelação judaico-cristã. Ou seja, o ponto de partida é a Tradição e a Sagrada Escritura como ponto, ao mesmo tempo, de chegada e de partida de diferentes tradições. De dentro, e, à luz

¹⁵⁸ Cf. AMAR EDUCANDO. *Os alunos investigadores*, p. 6.

¹⁵⁹ LIBANIO, J. B., *A arte de formar-se*.

¹⁶⁰ JUNQUEIRA, S. R. A., op. cit., p. 102. Cf. VIESSER, L. C., *Um paradigma didático para o ensino religioso*, p. 33-53. A autora aprofunda o pensamento de Capra e tira as implicações para a didática em geral e das implicações para o modo de tratar o ensino religioso.

dela, o educando vai se confrontando e sendo interpelado a dar sua resposta pessoal. Ao mesmo tempo, vai modificando e atualizando essa tradição porque o educando e seu contexto colocam-lhe problemas novos aos quais ela é desafiada a responder.

O segundo modelo pretende ser propedêutico ao processo de transmissão da fé. Isto é, pretende desentranhar nos educandos a pergunta pelo sentido, pela transcendência, pela busca de ultrapassar-se e ultrapassar seus limites. Mesmo que aproxime e beba da tradição, ele o faz com o objetivo de enfatizar o sentido da busca pelo sentido através da religião. Tal busca não se esgota na tradição religiosa. Ela engloba tudo aquilo que é humano e tudo aquilo que impede o ser humano de ser mais humano.

O terceiro modelo atende ao processo de transmissão da fé trazendo para dentro do contexto da sala de aula a diversidade religiosa no Brasil. O propósito é relativizar a tendência a fazer da religião algo de fórum íntimo; a desmistificar uma certa visão positivista da ciência presente na mentalidade do aluno que nega a objetividade do fato religioso.

Trata-se, portanto, de ver, no próximo capítulo, a reação dos educandos a estes modelos de ensino religioso. Na verdade, pretende-se analisar até que ponto estes modelos são relevantes para a educação da fé ou para a fé no contexto atua